

Maria Antonieta Tatagiba

poemas

Selecionados por Reinaldo Santos Neves*

“Ainda deve estar bem viva a dor dos que perderam pessoa querida com a morte de Maria Antonieta Tatagiba, a poetisa de Frauta agreste. E só a quem não leu esse livrinho cheio de poesia é que poderia surpreender a morte da autora, ainda em seus dias de fresca juventude.

Maria Antonieta morreu num recanto de província, longe do cartaz da livraria, longe do bracejamento dos ‘après-midi’, longe da intriga dos grupinhos literários; morreu para as bandas da terra simples, entre a paisagem que tão bem cantou em sua Frauta agreste, entre as cores ameníssimas das aquarelas do campo, que tão magistralmente esbateu, nos seus poemas, nas suas baladas, nos seus sonetos. E não pudera morrer em melhor sítio. Ela que fez da natureza o seu manancial de emoções estéticas; ela que teve nas coisas de seu torrão natal outros tantos motivos de arte sua; ela que sorria à luz louçã das manhãs serranas, e tanta vez chorou a melancolia das tardes chuvosas; ela que hauria no oxigênio quente dos arvoredos a fragrância de seu estro encantador; ela que viveu a poesia dos vales sertanejos e pulsou com a natureza aos mesmos latejos da mesma seiva — não poderia, morrendo, ser mais feliz do que foi, pois morreu dentro da mesma vida, entre tudo quanto na vida mais havia amado.

O seu livro, escrínio em que depôs gemas preciosíssimas de seu tesouro poético, passou, na trepidação do tumulto urbano, como uma ária de Bach, tangida pelo violino de Paganini, entre uma oficina de serralheiro, ou entre uma sessão de arrematações da Bolsa — imperceptível. Tanto melhor para ela; tanto pior para ele.

* Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (NEPLES), Mestrado em Letras, UFES.

Onde a estesia das almas sensíveis quer o silêncio das audições atentas, aí quer o livro, intenção explícita de comunicabilidade, um cortejo de ruidosos batedores, e clarins, e fanfarras, e tambores. A ela pouco se lhe dava da algazarra ambiente, que esta não lhe obstruía os ouvidos d'alma; ao livro, entretanto, urgia um clangor mais forte que os demais clangores, por onde pudesse gritar: — leiam-me, vejam-me, eu estou impresso! Sou o eco de um estro, mato a sede aos que têm sede de arte; dou, em minhas páginas, aconchego aos que pedem o carinho das musas! Sou o regaço das mesmas musas!

Mas, infelizmente para o livro de Maria Antonieta, careceram-lhe batedores, faltou-lhe cartaz, minguaram-lhe os arautos de sua boa fama. E a edição de Frauta agreste escoou-se aos poucos, sem alarde, como aqueles regatos murmurejantes que, aqui e além, entrecortam, cheios de uma grande frescura amiga, o livro de Maria Antonieta... E isso tanto melhor para ela, tanto pior para ele.

A poetisa compôs um livro com o gorjeio mavioso das avenas; ele, coitado, não poderia superar o silvo estridente das sereias. Todavia, almas houve que o ouviram, que o buscaram, que o quiseram, que o sentiram, que o gozaram; estas almas são as que não ensurdecem ao atordoamento da audição animal; mas, entre o fragor medonho das cortinas de aço, entre o brouhaha atroador da vida urbana, nada escutam senão o que lhes é afim, senão os gemidos de harpas consônicas com a sua sensibilidade imaterial, senão o murmúrio da Castália, senão o eco das harmonias celestiais. A surdez física de Beethoven não desafinou o concerto da Nona Sinfonia.”

Essas palavras, bem ao estilo dos anos 30, são de Madeira de Freitas — Mendes Fradique — o conhecido autor da História do Brasil pelo método confuso e da Gramática portuguesa pelo método confuso. Maria Antonieta Tatagiba (1895-1928), natural de São Pedro de Itabapoana, ES, autora de um único livro, Frauta agreste (Leite Ribeiro, Rio, 1927), onde se lêem poemas como estes:

REVOLTA

*Hei de esmagar-te, altivo coração,
Tigre que ruge dentro do meu peito,
Nesta sede de amor e de paixão
Em que se mostra sempre insatisfeito.*

*Há de vencer-te a voz da sã razão
Que te modera o ardor e a teu despeito
Faz-me ver que no mundo tudo é vão,
Que o prazer, qual a dor, é sem proveito...*

*Porque afinal, ó coração sedento,
Para que servem tuas vãs ternuras
Se não terás o Amor que tu procuras?*

*Sinto-te em mim qual um pesado fardo,
Uma flor espinhosa como o cardo...
Urna onde mora o mal que é meu tormento...*

AGONIA DAS ROSAS

*— Densa neblina encobre o riso azul do céu
Com um álgido sopro o vento sem alarde
Passa pelo jardim e retalhando o véu
Da bruma, põe-se a encher de felpas esta tarde,
Que cai morta de spleen do sudário do céu...*

*Creio feitas de espuma ou de frocos de neve
Estas rosas assim descoradas de frio...
Débeis flores que estão tremendo no ar, de leve,
Com saudades do sol, da ardentia do estio,
Níveas rosas irmãs do alabastro e da neve...*

*Prepara o inverno um leito imenso de noivado,
De arminho e penas, fofo, assetinado, albente...
Mas ao dulçor letal do seu beijo gelado
As pobres noivas vão tombando tristemente,
Frias, sem vida, sobre o leito de noivado...*

*Em coxins de frouxel vão-se finando as rosas...
Caem pétalas -- uma a uma — alvas e langues,
Mata-as o frio... e assim como as tuberculosas
Vão morrendo a sonhar, brancas, brancas exangues,
Num desmaio de amor, as deslumbrantes rosas...*

*Vão morrendo a sonhar... agonia de poetas
Que embora o olhar já morto ainda murmuram versos...
Um sussurro perpassa entre as aléias quietas:
São endeixas talvez, são cânticos emersos
Dessas almas de flor que morrem como os poetas.
E eu vou morrer dizendo — ah! tenho esta ilusão...
Estes poemas de amor, de ternura pagã,
Que sinto dentro em mim e a ninguém disse, oh! Não!
Porque é a ventura, eu sei: flor de uma só manhã,
E tu — meu grande Amor — somente uma ilusão!*

BALADA AZUL

*Vibra no ar desta sossegada
Manhã, enchendo-me o aposento
O lindo som desta balada
Que anda a vagar na asa do vento...
Tão doce voz, tão magoada,
Faz-me sonhar, faz-me supor
Que uma sereia enamorada
Ao longe, canta a ária do amor...*

*Sobre a água verde debruçada
Com seu cantar tão doce e lento
A lavadeira apaixonada
Embala o rio sonolento...
E é tão suave a sua toada,
Que na deveza aberta em flor,
Cala-se, atenta, a passarada
Para a canção lhe ouvir, de amor...*

RISTES

*Ó lua, ó pálida cativa
Destes azuis castelos de ar,
Que é que te faz tão pensativa,
Lua, no céu assim cismar?*

*Teu disco no alto já flutua
E vais subindo mais... subindo...
Que é que procuras, doce lua,
Pela amplidão do céu infindo?*

*Segues tão só, sem companhia...
Não tens amor — bem o adivinho —
Por isso és branca assim e fria
Lua viúva de carinho...*

*Buscas talvez um amavio
No ignoto fim que te conduz
És feiticeira... que doentio,
Que estranho filtro em tua luz!*

*É fumo de ópio que derramas
Nesse palor que tudo acalma...
Mas essas brancas, frias chamas,
Que desvários geram na alma!*

*Tudo adormece ao teu clarão,
Da noite irmã, dona do céu,
Quando flutua na amplidão,
A luz do luar — teu claro véu...*

*Que fluido é esse com que banhas
De poesia, sonho, encantos,
A aldeia, os vales, as montanhas,
— Âmbula cheia de quebrantos?*

*É gelo em pó que o luar semeia
Murmura a flor entorpecida...
— Eu amo o sol, ó lua cheia,
Por que és assim fria, sem vida?*

*E antes que a rósea aurora aponte
Caminha a lua de cristal...
Caminha... e some no horizonte
Mas a ninguém diz o seu mal...*

*E sem que eu mais no céu aviste
Envolta em nuvens de setim
Essa visão da lua triste,
É sem querer que penso em mim!*